

teoria dos partidos desligada de uma teoria da política e da sociedade. Sucede, porém, que está por demonstrar essa possibilidade. A dimensão teórica do argumento desta obra fica enfraquecida pela ausência dessa demonstração.

Political Parties: Old Concepts and New Challenges tem várias originalidades: quanto aos autores, reúne cientistas sociais veteranos, de meia-idade e jovens; quanto aos objectos de estudo, encontra-os sobretudo nos dois Estados peninsulares — em particular em Espanha — e na América Latina.

A obra não aprofunda a ligação entre o partido e os instrumentos de democracia directa (sondagens, referendos); essa ligação só é feita no registo da exclusão mútua, a qual, sendo sustentável no plano teórico, não dá conta de toda a realidade, pois nela coexiste cada vez mais (sobretudo na Europa) a articulação entre referendo e partido.

A relação dos partidos com o dinheiro — e a corrupção — é referida várias vezes (pp. 5 e 24, entre outras). Blondel aborda-a de cernelha. Katz e Mair comentam-na para reforçarem a dimensão estatal dos partidos políticos, destacando que os ministérios das finanças os subsidiavam. Mas fica por estudar o que parece ter sido uma alteração qualitativa, no final do século xx, nas duas margens do Atlântico norte: algures em meados dos anos 1980, a política encareceu de repente, o que afectou o modo de ser e de agir dos partidos políticos. Terá sido assim? Se foi,

em que contexto? Se não foi, por que está tão espalhada, tanto na Europa ocidental como nos EUA, a ilusão do novo poder do dinheiro na política?

Political Parties: Old Concepts and New Challenges começa por propor mais estudos teóricos, pela pena de Gunther, e acaba pela mão de Linz, a sugerir mais estudos empíricos sobre a forma como os cidadãos vêem os partidos e os políticos. As pulsões opostas destes dois objectivos revelam que a presente recolha de textos tem um sopro filosófico mais poderoso do que a maioria das congéneres — mais didácticas, mais afirmativas, por vezes mais enciclopédicas. Aquela afirmação é bem verdadeira no que toca ao ensaio conclusivo de Linz.

LUÍS SALGADO DE MATOS

Barbara Rose Lange, Holy Brotherhood. Romani Music in a Hungarian Pentecostal Church, Oxford e Nova Iorque, Oxford University Press.

Holy Brotherhood é o resultado do trabalho de campo realizado pela etnomusicóloga Barbara Rose Lange (Moore School of Music, Universidade de Houston) numa «comunidade religiosa»; mais concretamente, efectua uma pesquisa etnográfica si-

tuada numa pequena congregação pentecostal da Assembleia de Deus (*Isten Gyülekezet* — IG) na aldeia de Pécs, no Sudoeste húngaro, uma congregação predominantemente frequentada por crentes *romani* (ciganos). Incorporando material histórico, etnográfico, musicológico e pessoal, a autora embarca numa análise de um *folk drama* situado (p. 12) onde experiências individuais e interações colectivas produzem significados e interpretações diferenciados tanto a nível discursivo como musical e não verbal.

Deste modo, a autora realiza uma abordagem à prática musical de uma pequena igreja pentecostal do Sudoeste húngaro através de uma perspectiva múltipla, incorporando os diferentes processos sociais considerados relevantes para o fenómeno em causa e para o seu próprio estudo. Deste modo, é estabelecido um percurso pela recente história social e política da Hungria, pelas tradições musicais populares nacionais e regionais, passando pela composição social e étnica que marca a sociedade húngara e ainda pela própria historiografia e *praxis* pentecostal local e suas relações com o fenómeno pentecostal e evangélico transnacional. Todos estes processos convergem na realidade social de Pécs, com cujos habitantes e crentes pentecostais a autora conviveu e donde retirou os registos biográficos e familiares que alimentam o seu material etnográfico usado no livro aqui analisado.

Assim, a autora começa por descrever os contextos sociais e religio-

sos de introdução e implantação da prática pentecostal e da *Isten Gyülekezet* (IG) na sociedade húngara (cap. 1): os seus antecedentes em termos de prática protestante (o movimento revivalista do século XIX, em denominações luteranas, calvinistas, adventistas, etc.), a sua introdução por emigrantes húngaros retornados dos Estados Unidos da América e primeiros movimentos organizativos e institucionalizantes, acompanhados dos primeiros actos de perseguição social e proibição estatal (entre os anos 20 e 40 do século XX). Ainda, o seu condicionamento pelo efeito centralizador e controlador do governo comunista e do «socialismo real» (entre os anos 40 e 50) e os primeiros conflitos, discussões ideológicas e roturas internas que provocaram o «desaparecimento público» (anos 60), que redundaram numa liderança apostada na teologia do *oneness movement* e na transformação em «igreja multiétnica», procedendo a um forte proselitismo entre as comunidades ciganas romungro, vlach e boyash (anos 80) e à sua incorporação nas estruturas organizativas (anos 80), sem esquecer a sua contextualização com os movimentos internacionais ciganos de organização e reivindicação, concomitantes com uma progressiva rejeição do catolicismo e adopção da prática pentecostal, já desde os anos 50 (anos 70 na Hungria). Por último, as visões, discursos e políticas veiculadas na sociedade húngara em relação ao fenómeno pentecostal, por um lado, e às mudanças sócio-eco-

nómicas e conversões religiosas verificadas entre os rom húngaros no mesmo período.

Estes movimentos e episódios acima descritos servirão para contextualizar a análise das expressões musicais verificadas no seio da IG, as práticas, tradições e significados inerentes. Neste contexto, a autora passa a caracterizar a prática musical que é objecto de estudo (cap. 2) desde a composição de *ensembles* à instrumentação (progressivamente amplificada ao longo das últimas décadas), à estilística apresentada e às aprendizagens inerentes, estabelecendo pontos comparativos com outras expressões musicais no universo pentecostal.

Posteriormente, opta por uma análise musicológica das expressões musicais (*hívó enekék*) suportada pela incorporação de lógicas sociais e culturais significantes que ajudam a compreender as sensibilidades musicais dos intervenientes: as ligações com a *vernacular music* (música popular húngara) e com idiomas harmónicos «ocidentais» (p. 53); a tradição instrumental e orquestral rom (*gypsy nóta, magyar nóta*); a dimensão expressiva e emocional ligada à ritualização pentecostal; elementos de prestígio associados à prática musical (valorização da capacidade técnica); ideologias e valores morais (ética protestante) associados à produção e consumo musical.

Será precisamente esta última dimensão que a autora decide desenvolver (cap. 3): as ideologias e moralidades postas em causa na acção musical no seio dos cultos pentecos-

tais não apenas entre os crentes e servidores do culto, mas também pela negociação da acção etnográfica da autora, apresentada como uma mulher musicóloga oriunda da «alta cultura», que se envolverá e participará, voluntária e involuntariamente, na actividade diária do «culto». Como afirma a autora, «ethnographic methods disrupt customary modes of activity» (p. 73). Esta participação redundará numa reflexão sobre a problemática do género no seu enquadramento ideológico pentecostal e consequências na prática musical local enquanto actividade congregacional.

Esse enquadramento ideológico passará, portanto, pelos significados que a música e sua execução assumem para os intervenientes enquanto «comunidade religiosa» (pentecostal) local (cap. 4): a envolvência sensorial possibilitada pela interacção colectiva, participação num lugar «abençoado por Deus»; a capacidade de composição com «inspiração divina» (pelo Espírito Santo) através do «dom» ou poder atribuído pela conversão e bênção; a construção de sentidos de «comunidade» através do ritual e transformação e da incorporação de formas expressivas autóctones locais.

Esta análise desemboca numa análise estilística das *hívó enekék* enquanto expressão musical religiosa (pentecostal) (cap. 5), análise essa que ficaria incompleta sem a extrapolação das observações e interacções no seio dos locais de culto em direcção aos contextos domésticos onde efectivamente se observam ex-

periências e práticas que contribuem para a idiosincrasia das *hívó enekék* no contexto religioso e pentecostal húngaro, essencialmente no que diz respeito à participação e contribuição das comunidades rom locais (a incorporação de uma experiência musical, estilística de execução e técnicas de composição próprias) e à linguagem religiosa musical herdada da tradição pentecostal (a sua leitura específica da Bíblia, convenções sobre métodos de pregação e testemunho, hinologia, etc.).

Neste contexto, a autora incorpora uma discussão dessa tradição musical pentecostal e evangélica que contextualiza o desenvolvimento das *hívó enekék* (cap. 6). Por exemplo, a introdução de hinos *gospel* americanos e de *songbooks* baptistas e o seu cruzamento com a música popular religiosa húngara, através das diferentes campanhas de missionação protestante e evangélica. Ainda, a literatura hinológica sucessivamente traduzida e publicada na Hungria ao longo do século XX e as políticas e ideologias envolventes, assim como a incorporação de elementos significativos locais e conseqüente transmissão e mudanças rítmicas e melódicas.

Esta análise multifacetada permitirá à autora efectuar, finalmente, uma discussão sobre o lugar da IG e nomeadamente o lugar da música e das *hívó enekék* na sociedade húngara e em Pécs (cap. 7), o seu papel nos processos de negociação e relação interétnica e mudança social, processos onde a IG contribui, através da «acção pentecostal» (p. 168),

com novos modelos de relacionamento e ideologia e noções como a de «fraternidade espiritual», ou *holy brotherhood*. Esta discussão incorpora necessariamente a dialéctica local/global («glocalização», p. 131), não esquecendo o carácter transnacional da IG enquanto Assembleia de Deus, as suas lógicas missionárias e proselitistas e ainda o crescente acesso por parte das populações locais a produção informativa, comercial e musical (globalidade): desde métodos pentecostais «americanizados» (p. 156) ao *christian pop*. A autora questionará, portanto, até que ponto a música, enquanto expressão de *communitas* ou participação grupal e ritual, afecta ou é afectada por esses processos na perpetuação ou mudança de estigmas ou estereótipos («ciganidade», p. 167) identitários, num enquadramento das noções de «estilo musical», «conversão religiosa» e «*background* étnico».

Trata-se, em suma, de um registo etnográfico inovador que contribui tanto para o âmbito da etnomusicologia (na sua vertente de estudos sobre música religiosa) como da antropologia da religião (no âmbito de estudos sobre o pentecostalismo) e dos processos identitários (na discussão de noções de etnicidade e «comunidade religiosa»), numa análise que reconhece o seu objecto de estudo como complexo, multifocalizado e socialmente integrado, apesar de geograficamente localizado e não *multi-sited*. Essa complexidade derivará também do lugar ocupado pela autora e sua abordagem etnográfica, produzindo informações

e interpretações significantes para os domínios académicos referidos, mas também contribuindo, com a sua participação (voluntária ou involuntária), com novos significados para os habitantes de Pécs e os crentes da IG.

RUY LLERA BLANES

António Costa Pinto e André Freire (orgs.), **Elites, Sociedade e Mudança Política**, Celta, 2003, 307 páginas.

A análise dos modos de recrutamento e selecção, mas também das atitudes, dos comportamentos e dos perfis das elites, é um elemento essencial para a compreensão do funcionamento dos sistemas sociais e políticos, constituindo-se nos últimos quinze/vinte anos, em Portugal, como um dos terrenos preferenciais da pesquisa historiográfica, sobretudo daquela que se dedica à investigação sobre o Antigo Regime e os séculos XIX e XX. Para o público interessado não há dúvidas de que este é um dos campos de maior produção bibliográfica recente, resultado da permanente atenção académica pelo assunto. Com efeito, a antropologia, a sociologia e a ciência política, como demonstra a publicação deste volume, apesar de partirem de preocupações analíticas distintas, têm mostrado interesse pelas problemáticas derivadas do estudo das elites, escrutinando o topo da hierar-

quia social sob diversas perspectivas, de acordo com os enfoques próprios de cada disciplina.

No seguimento desta tendência, a obra agora trazida a público pela Celta Editora dá a conhecer um conjunto de artigos que resultaram das comunicações apresentadas num colóquio internacional realizado no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, sob a égide da Unidade de Investigação em Ciências Sociais, em Novembro de 2001, essencialmente dedicado à análise dos diferentes tipos de elites nacionais (governamentais, parlamentares, autárquicas, administrativas e económicas), não esquecendo, todavia, a perspectiva comparada, para a qual contribuiu a presença de conceituados conferencistas de diversas nacionalidades. A competente organização do evento, bem como deste tomo, ficou a cargo de António Costa Pinto e André Freire, autores com vasta obra sobre as temáticas em apreço. De realçar que, dos trabalhos agora apresentados, apenas a comunicação de António Costa Pinto e Pedro Tavares de Almeida não foi aqui publicada devido ao facto de a mesma ter sido alvo de edição separada, no âmbito de um projecto destinado à apreciação comparada das elites ministeriais dos países da Europa do Sul¹.

¹ Pedro Tavares de Almeida e António Costa Pinto, «Portuguese ministers, 1851-1999: social background and paths to power», in Pedro Tavares de Almeida, António Costa Pinto e Nancy Bermeo (eds.), *Who Governs Southern Europe? Regime Change and Ministerial Recruitment, 1850-2000*, Londres, Portland, Frank Cass, 2003, pp. 5-40.